

## **Jornalismo audiovisual de reinvenção em tempos de pandemia: Os novos caminhos do telejornal Pontes\* - UFOP<sup>1</sup>**

Adriano Medeiros da ROCHA<sup>2</sup>

Maria Luisa Sousa Reis<sup>3</sup>

Paulo Eduardo da Silva Carvalho<sup>4</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **RESUMO**

Esta pesquisa busca relatar a experiência de produção laboratorial em jornalismo audiovisual desenvolvida por protagonistas do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, durante período letivo de aulas remotas, efetivado em plena pandemia do coronavírus. A busca por metodologias de ensino diferenciadas e aplicadas à realidade enfrentada atualmente, tenta também estabelecer conexões e diálogos com as mudanças de um ensino em rede. Refletiremos sobre o novo formato deste telejornal universitário, bem como as mudanças na rotina de produção da equipe audiovisual.ufop para construção de conteúdo através de um mecanismo ainda participante e experimental.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo audiovisual; telejornalismo; produção laboratorial; viderreportagem; audiovisual.ufop.br

### **PENSANDO O JORNALISMO AUDIOVISUAL PRODUZIDO NA UFOP**

Em 2010, o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto abriu espaço a uma nova perspectiva da comunicação social: o audiovisual. Atualmente, o Laboratório de Criação e Produção Audiovisual já possui um rico acervo de produções desenvolvidas pelos alunos, professores, técnicos e colaboradores da área. São reportagens, telejornais, programas especiais para TV, documentários e até obras de ficção.

A produção desenvolvida está disponível para acesso gratuito através do site audiovisual.ufop.br. Neste laboratório, se busca experimentações que ultrapassem os

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Artes/cinema pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e Universitat Autònoma de Barcelona – E-mail: [adrianomedeiros@ufop.edu.br](mailto:adrianomedeiros@ufop.edu.br)

<sup>3</sup> Aluna do curso de Jornalismo – DEJOR – Universidade Federal de Ouro Preto.

<sup>4</sup> Aluno do curso de Jornalismo – DEJOR – Universidade Federal de Ouro Preto.

---

caminhos engessados pelas as grandes redes, estimulando percepções e formulações de obras socialmente engajadas e criativas. O foco deste trabalho se dará sobre algumas atividades realizadas nesta perspectiva conceitual de construção, especialmente ligadas à disciplina de Telejornalismo e ao produto principal da mesma: o novo telejornal Pontes\*.

Caminhando por esta vertente, apontamos um desejo muito latente de se pensar e buscar fazer uma televisão compromissada socialmente e muito mais criativa do ponto de vista do uso desta linguagem específica. Neste caminho, o interesse público é tido como fator primordial.

O conceito de “interesse público” em matéria de televisão requer a oferta de serviços de televisão aos quais todos possam ter acesso, portanto sem limitações de qualquer ordem, abrangendo tanto a sua condição de cidadão quanto de pessoa humana. Segundo esta posição teórica, a noção de interesse público guarda certa oposição com a de televisão de mercado. Quando se trata do interesse público, os valores de ordem cultural têm uma posição central, estando os demais valores a eles subordinados. Já na televisão de mercado, os valores centrais são de ordem econômica, ficando os demais valores em posição secundária. (AGUIAR, 2012, p.65).

No caso do nosso Laboratório de Criação e Produção Audiovisual procuramos pensar o interesse público em diálogo com o conceito de TV pública. Hoje, sabemos que a delimitação do que é televisão pública pode se apresentar de muitas formas e em diferentes contextos. Mesmo pensando que não há uma definição capaz de abranger a diversidade de modelos desse tipo de TV, o documento “Indicadores de qualidade nas emissoras públicas – uma avaliação contemporânea” aponta algumas características comuns quanto ao funcionamento de uma emissora pública, sob o ponto de vista normativo:

1) independência editorial e financeira; 2) autonomia dos órgãos de governança; 3) pluralidade, diversidade e imparcialidade da programação; 4) claro mandato de serviço público, estabelecido em documentos legais pertinentes; 5) prestação de contas (*accountability*) junto ao público e junto aos órgãos reguladores independentes. (BUCCI, CHIARETTI e FIORINI, 2012, p.9).

Dialogando com este ideal, Omar Rincón (2002) defende que as emissoras públicas devem ser espaço para a expressão e a representação do cidadão comum. Assim, entre as missões desse tipo de TV estaria a inovação, ou seja, a criação de propostas alternativas, a formação de novos talentos, a geração de novas formas de pensar as identidades dentro do audiovisual.

O ideal é projetar uma televisão humanista, que promova uma melhor compreensão entre todos e permita aos excluídos terem um controle sobre suas imagens públicas; que propicie novas formas de controle e de rede social, ao permitir às pessoas a possibilidade de criar e de contar suas próprias histórias; uma tela que possibilite imaginar novas audiências e novas consciências, sobretudo a partir dos atores sociais que se sentem abandonados pela tela comercial. (RINCÓN, 2002, p. 337)

Dentro do Laboratório de Criação e Produção Audiovisual da UFOP, professores, alunos e técnicos, ao mesmo tempo em que reconstróem mecanismos importantes de algumas das práticas de mercado, também experimentam novas possibilidades e buscam referências nas teorias e conceitos que envolvem a ação telejornalística. Neste universo, Pedro Demo (2005), defende que as universidades e centros de ensino precisam oferecer aos alunos as melhores condições para a aprendizagem, não só para alcançarem um bom desempenho, mas pela experimentação prática que permita a realização também como indivíduo, capaz de aprender sempre, e de se reinventar:

O profissional, portanto, não é aquele que apenas executa sua profissão, mas sobretudo quem sabe pensar e refazer sua profissão. Está incluída a especialização operativa, mas sobretudo o que chamamos de formação básica. Esta depende mais que tudo da propedêutica, resumida no questionamento reconstrutivo. Ao lado disso, alimenta-se também da multidisciplinaridade, que não passa da aplicação mais coerente do aprender a aprender: a especialidade isolada desaprende, não só porque reduz a realidade ao que dela imagina saber, mas igualmente porque, ao não comunicar-se, perde a noção do conhecimento como desafio e obra comum. (DEMO, 2005, p. 68).

## **A FAMIGERADA PANDEMIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO DE TELEJORNALISMO**

No dia 30 de janeiro de 2020, devido ao aumento no número de infectados pelo novo coronavírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou uma situação de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. No Brasil, o primeiro caso da doença foi confirmado pelo Ministério da Saúde no dia 26 de fevereiro de 2020. A pandemia veio a ser declarada pela OMS no dia 11 de março de 2020. Daquele momento até os dias atuais a população teve que mudar sua rotina para tentar minimizar os terríveis impactos na vida de todos nós. Um desses

---

impactos foi sentido exatamente no campo da educação. Escolas e universidades tiveram que fechar as portas a fim de preservar a saúde de alunos, servidores e suas famílias.

A Universidade Federal de Ouro Preto suspendeu suas atividades acadêmicas no dia 17 de março de 2020. Com o avanço da pandemia, toda comunidade universitária começou a buscar alternativas viáveis para o desenvolvimento seguro de atividades acadêmicas. Durante meses a forma presencial remota precisou ser repensada para os mecanismos remotos, seja de forma síncrona ou assíncrona. Adentramos mais na terminologia proposta por Manuel Castells (2020): a Sociedade em Rede ou Sociedade da Informação, que aponta para uma nova dinâmica instaurada na sociedade que busca flexibilizar os processos e sistemas diante de um novo ambiente tecnológico e de novas estruturas econômicas voltadas para a ação das redes.

Já com a necessária utilização da web, dos computadores e smartphones, reiniciamos a eterna aventura da educação, especialmente a desafiadora missão de encontrar novos caminhos para o ensino laboratorial de jornalismo audiovisual. Buscando constituir forma alternativas de ensino-aprendizado, optamos por catalisar metodologias ativas já, anteriormente buscadas no ambiente da sala de aula tradicional. Essas metodologias ativas constituem ações que buscam reconhecer os alunos como sujeitos agentes e protagonistas desse processo. Neste caminho, também fomentam sua mobilização e comprometimento com as atividades das disciplinas. Há um objetivo maior que o estudante seja transformado pelo objeto sobre o qual age.

Assim, foi necessário constituir estratégias de ensino-aprendizagem baseadas no desenvolvimento de projetos para a construção de conhecimentos, a partir da Aprendizagem Baseada em Projetos, APB. O entendimento da produção audiovisual voltada para telejornalismo, por meio das aulas expositivas dialogadas, de exemplos narrativos e das pesquisas realizadas, foi o primeiro passo para construir um projeto junto com os alunos. No atual contexto pandêmico foi necessário criar adaptações para que todos os envolvidos não ficassem expostos ao vírus. É bem verdade que esse procedimento “afeta um dos cânones da profissão: estar no palco do acontecimento para narrar as ações dos protagonistas com o máximo de detalhes possível” (FERRARETTO e MORGADO, 2020, p.15). Um formulário respondido pelos alunos antes do início das aulas permitiu ao docente identificar quais equipamentos poderiam ser usados, considerando que a produção aconteceria em um contexto remoto, causado pela pandemia da Covid-19.

Entendendo que a criação de produtos jornalísticos especialmente através da linguagem audiovisual é parte fundamental no processo de formação acadêmica dos alunos. Para tanto, o telejornal Pontes foi idealizado e produzido na disciplina de Telejornalismo do curso de Jornalismo da UFOP, no primeiro semestre de 2021. Um de seus objetivos é trazer informações aprofundadas para a população, abordando questões atuais importantes, de interesse público, e que perpassam histórias vivenciadas em diversos lugares, sejam eles físicos, subjetivos ou simbólicos.

O telejornal em questão foi desenvolvido com a participação coletiva de discentes, monitoras, técnico e docente desde o projeto editorial, com identificação de editorias de base e reformulação da identidade visual, passando também pela escolha dos temas na reunião de pauta, pela captação de material seguindo todos os protocolos de saúde recomendados, chegando até a edição final das reportagens e do próprio telejornal, enquanto unidade narrativa.



Fotograma 01: Identidade visual desenvolvida pelos estudantes para o novo produto

Durante todo o processo, a equipe discutiu sobre apuração, execução, pós-produção e questões éticas, além de realizar momentos de avaliação referentes a cada etapa. Para além disso, devido ao contexto pandêmico, a experiência teve algumas especificidades e limitações, dentre elas o isolamento social. Para lidar com isso foram necessárias adaptações, como, por exemplo, o uso de plataformas, como o Google Meet, para a realização de entrevistas e da própria reunião de pauta.

Esta última atividade aconteceu em uma plataforma que possibilitou um encontro mais próximo da turma, o que garantiu que cada aluno produtor pudesse insistir no seu

---

ponto de vista e contar com a colaboração e diálogo dos demais participantes sobre a sua proposta (MIRANDA, 2016). A equipe teve a preocupação de realizar uma apuração ainda mais aprofundada para compreensão dos temas, tendo em vista as possíveis perdas que o isolamento poderia causar. É importante ressaltar que durante a execução da pauta mudanças podem ocorrer, principalmente por novas descobertas no processo de apuração, gerando reportagens diferentes do que se estruturou na reunião.

Outro ponto importante na produção foi a escolha das fontes, uma vez que existe nas reportagens, para além da polifonia (NETO, 2008), personagens que agregam uma posição interseccional, isso porque as produções jornalísticas de uma forma sistematizada e hierarquizada constituem-se em um referente importante na construção desse mundo do cotidiano que é perpassado por sobreposição de identidades sociais.

De maneira geral, essa edição do telejornal foi a primeira produção da disciplina de Telejornalismo da UFOP durante o período de pandemia e, por isso, a maioria dos temas perpassam ou tangenciam esse contexto. A única reportagem que não foi atravessada pela pandemia é a que trata sobre os impactos do parque eólico na cidade de Campo Formoso, na Bahia. Compõe também o telejornal notas secas e cobertas e passagens ao vivo (PATERNOSTRO, 1987), culminando em uma obra potente, uma vez que explora de maneira quase completa a linguagem audiovisual. A equipe também procurou proporcionar conhecimentos e identificações ao abordar histórias reais e, por isso, o telejornal Pontes buscou alcançar diferentes públicos e interesses.

O telejornal Pontes foi produzido entre os meses de janeiro e abril de 2021, que compreende o período de um semestre acadêmico da UFOP. Por ser uma produção experimental e ter um tempo de produção mais longo, o resultado foram reportagens que trazem entre as principais características a personalidade dos repórteres e o fôlego investigativo. Um formulário respondido pelos alunos antes do início das aulas permitiu ao docente identificar quais equipamentos poderiam ser usados, considerando que a produção aconteceria em um contexto remoto, causado pela pandemia da Covid-19.

Ao longo da disciplina, após reflexões teóricas sobre a linguagem audiovisual e as produções em telejornalismo, a turma entrou no processo de produção que contou com etapas semelhantes à vivência das redações. A produção seguiu a linearidade: reunião de pauta, gravações, construção do roteiro, revisão do roteiro e fechamento do telejornal com a equipe de edição. O formato escolhido para as produções foi a videoreportagem, que

---

faz com que “um único profissional assuma diversas funções como pauteiro, repórter, repórter cinematográfico e editor” (THOMAZ, 2007, p.3).

Conforme Patrícia Thomaz (2007), as videorreportagens, normalmente, são dotadas de um caráter autoral, com ingredientes subjetivos e a busca por experimentação estética. Nesta concepção, apresentaria um gênero híbrido, com intercurso hierárquicos distintos, de acordo com os caminhos percorridos pelo seu idealizador. Thomaz lembra que, quando o videorrepórter atua na produção de materiais telejornalísticos, não pode se limitar somente a uma habilidade ou a um fragmento da produção da notícia ou reportagem em televisão - precisa exercer diferentes funções. E, é claro, cada atividade tem características e exigências específicas.

Conforme Patrícia Thomaz, os profissionais de televisão estão descobrindo as potencialidades desta nova forma de produção, ao buscar novos ângulos, inovações na narrativa e o resgate do trabalho individual e autoral, ou seja, não mais industrializado. Dessa forma, eles tem a chance de experimentar uma nova roupagem no telejornalismo onde percepção, sensibilidade e investigação tem muita chance de resultar em um produto original.

A autora acredita que a videorreportagem deve ser encarada como uma alternativa a novas propostas, com pautas diferenciadas e possibilidades de experimentação na linguagem e não como substituição ou mero acúmulo de funções.

Para isto, o profissional precisa ter o perfil exigido, ou seja, a dificuldade em desempenhar este papel exige profissionais preparados para tal ofício. Empenho, garra, sensibilidade, percepção, criatividade, conhecimento das diferentes funções e de novas habilidades técnicas (não exigidas para o repórter tradicional) são fundamentais para um resultado positivo, com qualidade, que poderá ser um produto diferente do tradicional, com uma roupagem nova. (THOMAZ, 2007, pág. 84).

É importante recordar que o processo de criação em jornalismo audiovisual é único e poderá percorrer caminhos singulares. Outro fator positivo na videorreportagem, conforme Thomaz é o contato direto de quem faz a pauta com os fatos ou com os protagonistas das notícias, o que dificilmente acontece com os pauteiros tradicionais que permanecem nas redações. Assim, quem colhe a notícia e quem produz a reportagem participa das discussões sobre o que o telejornal irá veicular, sob qual enfoque e a duração.

---

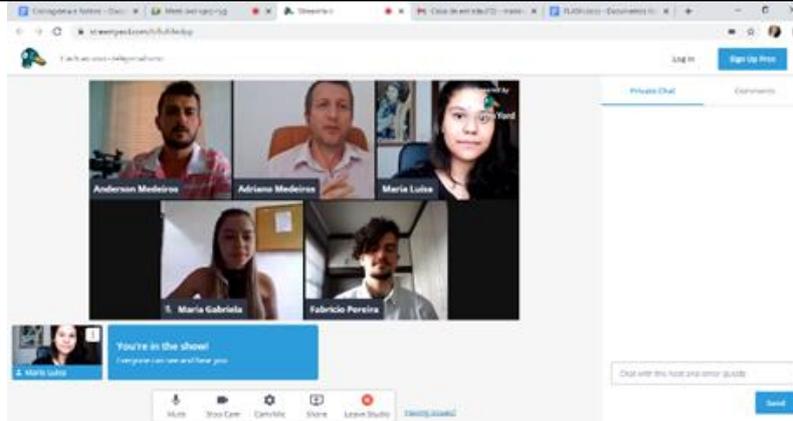
o videorrepórter, pelo fato de atuar sozinho, tem a vantagem de intimidar menos os entrevistados e poder aproximar as fontes potenciais de informação. O profissional tem mais um motivo para buscar a qualidade da apuração e a profundidade do mergulho no assunto. Deve ter sensibilidade, criatividade, percepção aguçada e experiência, além de compreender os efeitos de sensações que pretende causar no telespectador. (THOMAZ, 2007, pág. 67)

Patrícia Thomaz acredita que na criação individual, as escolhas e correções partem de atitudes centradas na personalidade do autor/videorrepórter. Dessa maneira, a obra é estruturada a partir da essência do profissional, marcada pelo seu modo de apreender e interpretar os fenômenos da vida, de ver, sentir e reproduzir as realidades. Agir criativamente e permitir sua percepção aprofundada dos fatos seriam atitudes fundamentais no processo de criação.

O videorrepórter, sendo responsável pela composição dos códigos verbal, sonoro e imagético, terá que dominar os elementos expressivos que compõem a imagem. No momento em que está captando imagens e sons ambientes, ele já coloca seu ponto de vista, pois seleciona o que será gravado e como mostrar o fato ao telespectador, o que inclui a escolha de movimentos e enquadramentos de câmera e a duração das cenas. Cada profissional terá um modo particular por meio do qual vê o mundo. (THOMAZ, 2007, p. 5)

No caso da experiência desenvolvida pela turma de Telejornalismo aqui relatada, foi adotada, os alunos, portanto, puderam experienciar funções as funções de apresentadores, editores de texto, editores de vídeo, chefes de reportagem e videorrepórteres. Inerente a todas as funções mencionadas, houve o desafio de estimular a criatividade da produção, tendo em vista que a maior parte do processo foi realizada dentro de casa.

Além das videorreportagens, que foram a base deste ciclo produtivo, também foi desenvolvido com os estudantes um exercício de telejornalismo ao vivo, através de flashes individuais. Para a atividade foi utilizado o aplicativo Stream Yard, para promovermos a direção de corte de quem estaria na tela e a respectiva transmissão, em tempo real, aconteceu pelo Canal do Youtube AudiovisualUFOP. Com agendamento prévio, cada aluno era chamado pela dupla de apresentadores, através de um texto de cabeça e, na sequência, trazia informações atualizadas sobre um tema livre, previamente pesquisado e articulado com a equipe de produção.



Fotograma 02: Aspecto visual da sala de gerenciamento / direção de corte do flash ao vivo

Em um processo de convergência (JENKINS, 2009), o telejornal Pontes foi gestado a partir de diversas ferramentas. O smartphone foi utilizado como instrumento de gravação das imagens e dos sons das reportagens, por ser um objeto de posse unânime entre os alunos. O Whatsapp serviu como ferramenta de comunicação direta entre a chefe de reportagem, os repórteres, técnico e docente. Além disso, o aplicativo foi utilizado como o primeiro contato com as fontes, evitando assim a interação presencial, impossibilitada nesse momento.

Para a reunião de pauta e encontros da turma foi utilizado o Google Meet. Graças ao recurso de gravação de tela, a ferramenta foi escolhida também como suporte de realização das entrevistas, sem comprometer o valor da imagem. Nesse sentido, “todas estas inovações e mudanças tecnológicas ocorridas mostram que o telejornalista precisa ser flexível, enfrentar novos desafios sempre, e estar preparado para mudanças” (KNEIPP, 2014, p.296). A disciplina contou com a presença de duas monitoras que, remotamente, auxiliaram na gravação dos offs, na apresentação do telejornal e nas sugestões ligadas ao roteiro. Com a ajuda delas foi mais viável enfrentar os novos desafios.

Em uma adequação necessária, tendo em vista a pandemia, ou seja, considerando a impossibilidade de gravação in loco, as imagens utilizadas nas gravações foram solicitadas para as fontes ou obtidas a partir de banco de imagens gratuitos e públicos. Coincidindo com o final do semestre acadêmico, a equipe de edição finalizou o telejornal com quase 39 minutos de duração.

---

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Itamar. **TV Brasil: algo novo no ar**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.
- BUCCI, Eugênio. É possível fazer televisão pública no Brasil? **NOVOS ESTUDOS**: revista da CEBRAP, São Paulo, n.88, p.5-18, nov. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002010000300001&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002010000300001&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- CASTELLS, Manuel. *Sociedade em Rede*. 21ª ed. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2009. Editora Aleph.
- KNEIPP, Valquíria. **Formação do telejornalista brasileiro: trajetória, desafios e perspectivas dos profissionais na era transmidiática**. Telejornalismo em questão. 2014. Editora Insular. Volume 3. Florianópolis.
- MIRANDA, Mozarth Dias de Almeida. **A pauta jornalística se adapta aos novos tempos da televisão brasileira**. 2016.
- NETO, João Elias da Cruz. **Reportagem de Televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- NOVAK, J. D.; GOWIN, D.B. **Aprender a Aprender**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1996.
- PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2002.
- THOMAZ, Patricia. **A composição da obra autoral e a experimentação da linguagem telejornalística na videorreportagem**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.
- VARGAS, Heidy; OLEGÁRIO, Leandro. **Telejornalismo laboratorial: a práxis diante do desafio da pandemia e o isolamento social no ESPM no ar**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Virtual – 1 a 10 de dezembro de 2020.
- VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.
- VIZEU Alfredo, BARROS Marcelo, CABRAL Águeda. **Telejornalismo: da edição Linear à digital**, algumas perspectivas, 2009.